



# BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO

BOLETIM DOS PASTORINHOS – JULHO-SETEMBRO 2008 (ANO 46)

## OS SACRIFÍCIOS ESPIRITUAIS AGRADÁVEIS A DEUS

Na sua primeira aparição o Anjo ensinou aos pastorinhos como deviam adorar a Deus. Na segunda insistiu que rezassem muito e que oferecessem também sacrifícios em acto de reparação pelos pecados cometidos contra Deus. E na terceira trouxe na mão um cálice e sobre ele

uma Hóstia, da qual caíam dentro do cálice gotas de sangue. Deixando o cálice e a Hóstia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu três vezes a oração: «Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrages, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido.

E pelos méritos infinitos do Seu Sacratíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.» Seguidamente deu a sagrada comunhão aos três pastorinhos. Levados pela força do sobrenatural que os envolvia, imitando o Anjo em tudo, isto é, prostrando-se como Ele e repetindo a mesma oração permaneciam na posição em que o Anjo os tinha deixado.

A pintura mostra fielmente o acto – que o Anjo com os três pastorinhos iniciou em Fátima e que nas suas aparições também Nossa Senhora pediu com grande insistência – e ao qual chamamos: adoração reparadora pelos pecados cometidos contra Deus, contra o Coração de Jesus e o Coração Imaculado de Maria.

E que significado tem a Comunhão dos pastorinhos? Lúcia nos responde: «Para mim, significa o querer Deus avivar a nossa fé, na presença real de Jesus Cristo presente na Divina Eucaristia, e na eficácia da Sua palavra quando disse: Isto é o Meu Corpo, isto é o Meu Sangue.»

A Eucaristia é por excelência o «Mistério da fé» que o sacerdote pronuncia a seguir às palavras da consagração, porque Jesus naquele momento oferece a totalidade da Sua vida para a glória de Deus e para a salvação da humanidade.



Adorar e glorificar a Deus é a lei natural que o próprio Criador colocou em cada alma por Ele criada. Israel, o povo eleito de Deus, recebeu esta lei promulgada no Monte de Sinai, que é o primeiro dos Dez Mandamentos: «Ao Senhor teu Deus adorarás, só a Ele prestarás culto». E quando um escriba perguntou a Jesus «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?» Ele respondeu: «O primeiro é: Ouve Israel: o Senhor, nosso Deus, é o único

Senhor; amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças.» (Mc 12,28-30)

A adoração é o primeiro acto da virtude da religião. Adorar a Deus é reconhecê-Lo como tal, Criador e Salvador, Senhor de tudo quanto existe, Amor infinito e misericordioso. Em Fátima, primeiro o Anjo da Paz e a seguir a Santíssima Virgem, de novo vieram convidar toda a humanidade, por meio de três crianças: para adorar a Deus, reparar as ofensas cometidas contra Ele e contra o Coração Imaculado de Maria, e colaborar na salvação dos pecadores que não O adoram, Nele não esperam e não O amam.

Nós, porém, só poderemos colaborar neste pedido, se vivermos unidos a Jesus, nosso Salvador, presente em todos os sacrários da terra, e da medida da nossa união com Ele depende a medida da nossa colaboração. Separados de Jesus não conseguiremos fazer nada, mesmo nada.

Assim Nossa Senhora espera a nossa colaboração na

adoração de Deus e na salvação das almas que se encontram em perigo de se afundarem no pecado e se perderem eternamente.

Poderiam parecer-nos outras coisas concretas mais importantes; mas nada é mais importante que a união íntima com Jesus, que veio com a mesma ordem do Pai: adorar a Deus, reparar as ofensas cometidas contra Ele, e salvar as almas.

O caminho para a união com Jesus é o caminho da adoração. Ela é sempre um dom da graça e ao mesmo tempo uma resposta decidida da parte de quem reza. Os grandes orantes da Antiga Aliança antes de Cristo, bem como a Mãe de Deus e os Santos com Ela, ensinam-nos que pela adoração se une a alma com Deus e o progresso na adoração marca o progresso da união com Deus.

Jesus Cristo é a videira e chama sarmentos aos que pelo amor estão de certo modo enxertados n'Ele, pela comunhão do Espírito Santo já são participantes da Sua mesma natureza. É certo que o Espírito de Cristo nos une a Ele. Por isso diz Jesus: «Sem mim nada podeis fazer.»

Por isso em Fátima tanto o Anjo como a Santíssima Virgem sublinham o pedido: «Orai, orai muito!...»

«A adoração é o sacrifício espiritual que veio abolir os sacrifícios antigos – afirmou o presbítero Tertulliano já no sec. II, – comentando as palavras de Jesus dirigidas à samaritana junto do Poço de Jacó: Mulher, mas chega a hora, e é já, em que os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e verdade pois são assim os adoradores que o Pai pretende. Deus é espírito e por isso deseja um culto espiritual.»

Adorar «em espírito» não quer significar a inteligência humana, mas o Espírito Santo que conduz a Jesus e desde a festa de Pentecostes governa a história cristã. Adorar «em verdade» não significa uma interioridade sem corpo, mas uma ordem viva em que Jesus nos colocou no caminho para o Pai.

Como os judeus, também os samaritanos esperavam o Messias prometido, e tinham a esperança que Ele depois lhes daria tudo a conhecer. Jesus apresentou-se a samaritana dizendo: «Sou eu que falo contigo.» Seguidamente, a convite da mulher, muitos samaritanos vieram ter com Jesus e acreditaram Nele, não por causa da mulher mas porque eles próprios ouviram a doutrina de Jesus e ficaram convencidos que Ele é realmente o Salvador do mundo. (cfr Jo 4,39-42)

Na Sua conversa com Nicodemos Jesus confirmou que este novo culto espiritual, a verdadeira adoração de Deus, surgiria depois do renascimento na água e no Espírito Santo que Ele alcançaria para toda a humanidade pela Sua morte na Cruz: «Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer de novo da água e do Espírito Santo não pode entrar no Reino de Deus... Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim tem de ser levantado o Filho do homem, a fim de que todo aquele que n'Ele crer tenha a vida eterna. Porque Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único, para que todo o que n'Ele crer não pereça mas tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou o Seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas, para que o mundo fosse salvo por Ele...» (cfr Jo 3,3-21)

Pelo baptismo «Começou o reino da vida e foi dissolvido o império da morte – afirmou S. Gregório de Niza. Apareceu um novo nascimento, uma vida nova, um novo modo

de viver; a nossa própria natureza foi transformada. Qual é este novo nascimento? O que não procede do sangue nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

Como pode ser isto? Escuta-me com atenção – diz o mesmo santo – explicá-lo-ei em poucas palavras.

Este novo ser é concebido pela fé; é dado à luz pela regeneração do Baptismo; é a sua mãe a Igreja, que o amamenta com a sua doutrina e tradições, o seu alimento é o pão celeste; a sua idade perfeita é a santidade; o seu matrimónio é a familiaridade com a sabedoria; os seus fiéis são a esperança; a sua casa é o reino; a sua herança e riqueza são as delícias do Paraíso; o seu fim não é a morte, mas aquela vida feliz e eterna que está preparada para os que dela são dignos.»

Jesus, o Enviado do Pai, veio para este mundo para testemunhar a verdade. Ele confessou isto diante de Pilatos, antes da Sua condenação, como se lê no Evangelho:

«...Para isso nasci e para isto vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a Minha voz...» (Jo 18,33-38) E declarou ao apóstolo Tomé: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim.» (Jo 14,6)

A Verdade é, por isso, o conhecimento e o amor de Deus, revelado por Jesus Cristo e o serviço na virtude, em oposição ao mundo que é «concupiscência do olho, concupiscência da carne e orgulho de vida.» E felizes aqueles que têm sede da verdade na medida de que escutem as Suas palavras e as põem em prática. «Se permanecerdes fiéis à Minha palavra, sereis verdadeiramente Meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres.» (Jo 8,3)

Em qualquer religião, tanto na judaica, como nas pagãs, existe o acto supremo do culto, que é o sacrifício. É o acto mais solene no qual o homem reconhece diante de Deus o seu nada, manifesta a sua adoração, a sua disponibilidade de reparar os seus pecados. Trata-se dum culto oficial e soleníssimo, quando os crentes se juntam e o sacerdote ou um homem autorizado para isso, oferece a Deus o sacrifício. Assim todos os povos ofereciam um ser vivo sobre um altar e a morte desse ser vivo devia exprimir a entrega total da humanidade a Deus.

Jesus ao lançar um olhar para a sua obra, para a Sua vida passada que se aproximava do fim, via que ainda faltava o acto mais importante, o sacrifício para a Sua religião. Qual será o sacrifício na religião de Jesus Cristo, que os novos homens iam oferecer a Deus?

Jesus não precisava olhar para longe, bem sabia; por isso tinha descido do Céu, para haver um sacrifício digno de Deus; Ele será este sacrifício que se oferecerá, para apresentar a verdadeira adoração da humanidade diante de Deus, para reparar os pecados da humanidade, para alcançar as graças necessárias. E, naquela noite de Quinta-feira Santa antes da Sua Paixão, confiou aos Seus Apóstolos e a todas as futuras gerações o Seu Mistério de excelência: o Divino Sacrifício do Novo Testamento. Confiou aos Seus Apóstolos umas palavras misteriosas, às quais Ele se prontificou a obedecer. Os Profetas já tinham anunciado: depois da vinda de Jesus outros sacrifícios não terão mais sentido.

Assim a Igreja hoje oferece incessantemente, em todo o mundo, espiritualmente o mesmo sacrifício, como acção

de graças e Memorial da Carne e do Sangue de Cristo derramado no Calvário por nós. Porque, na noite em que Jesus foi entregue, tomando o pão e dando graças, partiu-o e deu-o aos seus discípulos dizendo: Tomai e comei; isto é o Meu Corpo. Depois, tomando o Cálice e dando graças, disse: tomai e bebei; isto é o Meu Sangue. E nós estamos convencidos de que se trata do Corpo e do Sangue de Cristo, acreditamos n'Ele porque a Verdade não sabe mentir. Aquele que transformou a água em vinho nas bodas de Caná, aqui transforma o vinho em Seu sangue. É isto que fazem hoje os sacerdotes na missa, em Sua Memória: convertem o pão no Corpo e o vinho no Sangue de Jesus, e todos os que comerem deste pão e beberem deste cálice, anunciam a morte do Senhor na Cruz e proclamam a Sua ressurreição. Os antigos sacrifícios eram só figuras do que nos havia de ser dado no futuro: agora este sacrifício manifesta abertamente o que desde a Última Ceia já nos foi concedido. Nos sacrifícios antigos anunciava-se que o Filho de Deus havia de morrer pelos pecadores; neste sacrifício anuncia-se que já morreu pelos pecadores. Segundo o testemunho do Apóstolo: quando éramos ainda pecadores, no tempo determinado, Cristo morreu pelos ímpios; quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte do Seu Filho.

«Fazei isto em memória de mim» - foi a ordem que Jesus deu aos Apóstolos, ao instituir, na Última Ceia, a Sagrada Eucaristia. E, desde a Sua Paixão, oferece-Se continuamente por nós, e defende-nos com a Sua intercessão. Foi imolado na Cruz, mas não morrerá jamais, foi morto, mas agora vive para sempre. «O Santo Patriarca Jacob tinha profetizado acerca de Jesus dizendo: Lavará em vinho a Sua veste e no sangue das uvas a Sua túnica. De facto, Jesus havia de lavar em seu próprio Sangue a túnica do nosso corpo que tinha tomado sobre Si como um vestido.» (S. Gaudêncio de Brescia, bispo)

Jesus Cristo que vive na Santíssima Trindade e reina gloriamente na Assembleia dos Santos, enviou um Anjo a Fátima, aos três Pastorinhos, para lhes ensinar como deviam prestar adoração a Deus em espírito e em verdade. Porque Jesus Cristo, o Verbo feito carne, ofereceu-Se no Golgota por nós como sacrifício e vítima agradável a Deus. Ele é o Cordeiro Pascal que João Baptista apontou com o dedo e apresentou aos seus discípulos: Eis o Cordeiro de Deus. Mas no altar do sacrifício Ele foi acompanhado também por Sua Mãe, por isso a liturgia bizantina chama a Maria a cordeira de Deus, porque contemplando a Mãe de Jesus debaixo da Cruz, também Ela é imolada com o Cordeiro Pascal e tornando-se co-redentora dos homens, porque naquela Cruz jogava-se o destino da humanidade pecadora.

Em todas as religiões existe ainda, no rito do sacrifício, uma continuação: O sacrifício já foi oferecido, mas o que se faz com a carne do sacrifício? Nas diferentes religiões o rito continuava no banquete sagrado. A carne do sacrifício era distribuída, porque os participantes pensavam assim tirar mais fruto do próprio sacrifício.

Associar-se-á Jesus a este aspecto na nova religião? Desejará Ele que possa ser comido por aqueles que o desejam? Por muito grande que a nossa opinião a respeito da bondade de Jesus pudesse ser, nunca teríamos esperado um acto tão infinito da Sua misericórdia. A nossa fé afirma que Jesus associou-Se também a este segundo aspecto do rito do sacrifício e desejou que o sacrifício

oferecido fosse distribuído e saboreado entre os presentes. Jesus distribuiu na Sua primeira missa o pão entre os Seus Apóstolos; distribuiu também o vinho consagrado e disse: «Comei e bebei! comei a Minha carne e bebei o Meu Sangue. Quem come a Minha Carne e bebe o Meu sangue, viverá em mim, e Eu viverei nele.» Ele prometeu isto, depois de ter saciado o povo com o pão que Ele multiplicou no deserto e já naquela altura disse: «Eu vos darei para comer outra coisa: não só pão - darei Minha Carne e Meu Sangue.» «O pão que eu hei-de dar é a Minha Carne pela vida do mundo.» Os Seus ouvintes ficaram consternados e escandalizados; até os próprios apóstolos duvidaram um momento: Mas como será isto possível? No último dia da Sua vida terrena Jesus realizou esta promessa, e cumpriu não só por uma vez, mas deu aos Seus Apóstolos o poder, de renovar sempre este banquete, para nele poderem tomar parte todos os que desejarem. Isto foi a instituição do segundo aspecto da Eucaristia como Sacramento.

A sagrada comunhão é o sol da nossa vida. A nossa nova vida consiste em viver a vida de Deus, e esta sua vida é alimentada por Jesus. Deus tornou-se homem, para dar aos homens a vida divina na sagrada comunhão. Esta comida misteriosa nutre a alma e não o corpo. Trata-se dum alimento divino e é Jesus que nos transforma assim na Sua própria vida.

O rito do sacrifício tem ainda um terceiro aspecto.

Os povos, que ofereceram o sacrifício, interrogavam-se sobre o que deveria acontecer com o que restava do sacrifício. Em geral pensavam que a terra não era digna de guardar o resto do sacrifício e por isso convinha queimá-lo. Fará Jesus o mesmo? Neste aspecto Jesus não manteve o antigo costume. Ele quis que os restos permanecessem conservados. E assim é o terceiro aspecto da Eucaristia: o sacramento permanente nos nossos tabernáculos para o nosso amor e para as nossas visitas. Grande é, sem dúvida, a santa missa, a renovação da Paixão, morte e ressurreição de Jesus; grande é a comunhão, quando Ele se dá a nós. Não é menor também o presente de Jesus querer ficar sempre connosco, porque cada Hóstia consagrada contém o próprio Jesus.

E assim, nos sacrários, dia e noite, Jesus Cristo é o Bom Pastor vigilante do rebanho que o Pai Lhe confiou, como já Deus tinha anunciado pelo Seu servo David: «O Senhor é meu pastor: nada me falta. Leva-me a descansar em verdes prados, conduza-me às águas refrescantes e reconforta a minha alma.» E o próprio Jesus afirma: «Eu sou o Bom Pastor; O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas.» (Jo 10,11) O bom pastor dá pastagens às suas ovelhas. Se alguém entrar por Ele, será salvo; poderá entrar e sair e encontrará pastagens. Entrará, efectivamente, abrindo-se à fé; sairá passando da fé à visão e à contemplação, e encontrará pasto abundante no banquete eterno.

«O sol desta nova criação é uma vida sem mancha; as estrelas são as virtudes; a atmosfera é um procedimento digno, o mar é o abismo das riquezas da sabedoria e da ciência; as ervas e as sementes são a boa doutrina e a Escritura Divina, onde o rebanho, isto é, o povo de Deus, encontra a sua pastagem e alimento; as árvores frutíferas são a observância dos mandamentos.» (S. Greg. de Niza) Quais são finalmente as pastagens destas ovelhas, se não as profundas alegrias dum paraíso sempre verdejante? O alimento dos eleitos é o rosto de Deus, sempre

presente, que o Bom Pastor nos revelou. E ao contemplá-lo sem interrupção nos nossos sacrários, a alma sacia-se eternamente com o alimento da vida. Quem se encontra nestas pastagens, afervorece a sua fé nos grandes mistérios e verdades em que acredita; inflama a sua aspiração pelas coisas do Céu. Amar assim é caminhar para o Céu, porque «insensato seria o viajante que, contemplando a beleza da pastagem, se esquecesse de continuar a viagem até ao fim» - diz São Gregório.

«Eu ficarei convosco até ao fim dos séculos.»

O espírito de Jesus, quando andou na terra, era o espírito de sacrifício. Tinha continuamente diante Si a Sua missão, sentia o grande peso dos pecados do mundo que levava consigo e o respectivo espírito desta grande missão inundava a Sua alma: «Tenho de receber um baptismo, e que angústias as minhas até que ele se realize.» (Lc 12,50). Falava de pão que outros não viram, de cálice que Ele devia beber; andava como um cordeiro a ser imolado e oferecido ao Pai. Jesus glorificado na Eucaristia tem também hoje o mesmo espírito. No momento da Consagração entrega-Se ao Pai pela redenção da humanidade, fixa neste Memorial a Sua morte e o Seu sacrifício na Cruz. Permanece connosco também depois do sacrifício da santa missa com o perfume do sacrifício e passa no sacrário a Sua vida sacrificada em reparação.

Ó admirável mistério! Jesus Cristo permanece entre nós também depois da santa missa nos sacrários da terra, escondido com o Seu Corpo e Sangue, com a Sua divindade e humanidade, e continuamente renova a Sua entrega à vontade do Pai, para a salvação da humanidade. Nós somos os membros do Seu Corpo Místico, chamados desde o nosso baptismo para o mesmo.

Em Fátima fomos alertados há 91 anos por um Anjo e pela Mãe de todos os homens, para glorificar a Santíssima Trindade, unidos com Jesus no altar do sacrifício, presente também nos sacrários da terra e até, unidos com o Seu Corpo e Sangue na Sagrada Comunhão - assim foi o pedido de Nossa Senhora em Pontevedra - fazendo a nossa adoração reparadora pelos pecados contra Deus, contra Jesus, contra o Coração Imaculado de Maria e para salvar as almas.

O fundamento deste edifício espiritual de adoração reparadora foi lançado na Loca do Cabeço em 1916 pelo Anjo. O projecto foi seguidamente entregue à Mãe de todos os homens que, com a fiél colaboração dos três pastorinhos se lançou heroicamente para a construção que já se encontra em progresso no mundo onde a Mensagem de Nossa Senhora foi atendida.

As palavras de São Pedro, dirigidas de Roma, há 2000 anos, para os cristãos da Ásia Menor, provam-nos que em Fátima não se tratava dum novo projecto. Ele já vinha no eterno decreto de Deus e assim as palavras do Apóstolo São Pedro hoje ecoam tanto no convite do Anjo como no da Santíssima Virgem: «Aproximai-vos d'Ele, que é a pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus, também vós - como pedras vivas - entrais na construção de um edifício espiritual, em

função de um sacerdócio santo, cujo fim é oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, por Jesus Cristo. Vós, porém, sois linhagem escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido em propriedade, a fim de proclamardes as maravilhas daquele que vos chamou das trevas para a sua luz admirável; a vós que outrora não éreis um povo, mas sois agora povo de Deus, vós que não tinheis alcançado misericórdia e agora alcançastes misericórdia.» (1.Pedro 2,4-10)

«Na primeira vinda de Jesus, Maria quase não apareceu a fim de que os homens, ainda pouco instruídos e esclarecidos sobre a pessoa do seu Filho, não se afastassem da verdade... Mas na segunda, Maria deve ser conhecida e revelada pelo Espírito Santo. Por Ela fará conhecer, amar e servir Jesus Cristo... Maria deve brilhar mais do que nunca em misericórdia... para reconduzir e receber amorosamente os pobres pecadores» - anunciou profeticamente S. Luís Grignon de Montfort.

«Porque, para salvar os pobres pecadores, Nossa Senhora pede a devoção ao Seu Imaculado Coração? Ela nos responde: É porque Deus o quer: Para as salvar Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração.» (Irmã Lúcia «Como vejo a Mensagem»)

E porque Ela pediu insistentemente em Fátima e em Pontevedra a reparação do Seu próprio Coração Imaculado?

Se considerarmos a reparação de Cristo, em representação de toda a humanidade, será facilmente compreensível que também o homem tenha obrigação de reparar as ofensas cometidas não só por ele próprio, como também, pelos outros. Essa reparação pode ser cumprida em representação. Assim sendo, tal doutrina é válida, de modo particular para a reparação, em representação, pelos pecados cometidos contra o Coração Imaculado de Maria. Ela encontra-se acima de todos os homens, mais alto e mais próximo de Deus e de Cristo Salvador; assim, todos os pecados e todas as ofensas que os homens cometem contra o próprio Deus transcendente e do Divino Coração de Jesus, mais profunda e mais directamente alastram para o Coração Imaculado de Maria, portanto, mais sensivelmente O atingem e ferem. Foi o próprio Jesus Menino que confiou à Irmã Lúcia esta grande exigência.

Em 10 de Dezembro de 1925 apareceu a Santíssima Virgem em Pontevedra, e ao lado, suspenso numa nuvem luminosa o Menino Jesus. A Santíssima Virgem, pondo-lhe no ombro a mão e mostrando, ao mesmo tempo, um coração que tinha na outra mão, cercado de espinhos. Ao mesmo tempo disse o Menino: Tem pena do Coração de tua SS. Mãe que está coberto de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Lhe cravam sem haver quem faça um acto de reparação para os tirar. E em seguida, disse a SS. Virgem à Lúcia: Tu, ao menos, vê de Me consolar, e diz que todos aqueles que durante 5 meses, ao 1º sábado, se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem um Terço e me fizerem 15 minutos de companhia, meditando nos 15 mistérios do Rosário, com o fim de me desagrar, Eu prometo assistir-lhes, na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação destas almas.»

BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO - Publicação trimestral - Preço: 0,05e - Director: P. Luís Kondor, svd  
Editor e Proprietário: Secretariado dos Pastorinhos – Apartado 6 – 2496-908 FATIMA – PORTUGAL Rua de S. Pedro 9  
Tel. 249 539780; 531282. Fax 249 539789 **Consulte o nosso site na Internet: [www.pastorinhos.com](http://www.pastorinhos.com)**  
Banco Millennium: IBAN: PT 50-0033-0000-45340426373-05 NIB: 0033-0000-45340426373-05 SWIFT: BCOMPTPL  
e-mail: Sec.pastorinhos@mail.telepac.pt. Impresso na Gráfica Almondina - Zona Industrial - P-2354-909 Torres Novas- D.G.G.S. N° 101052